

20000097

GERALDINHO VIEIRA

ÍNDIO NÃO APITA



Foi por decreto de um branco, o presidente Getúlio Vargas, que se fez do dia 19 de abril o Dia do Índio. Dizem as más línguas que o motivo foi claro: dia 19 foi a véspera do terra à vista dos companheiros de Cabral. Dali pra frente o índio nunca mais apitou. Quinhentos anos depois — e isso não é novidade nenhuma — as nações indígenas de todo o País parecem apenas esperar a hora da morte, lenta e cruel. Foi essa realidade que no último dia 19 os repórteres Geraldino Vieira, Lucio Vaz e Milla Petrillo registraram nas proximidades de Ji-Paraná (Rondônia) na aldeia dos índios Gavião, em festa que reunia ainda algumas outras nações sob o cuidado atento dos homens da Funai — Posto de Nova Colônia. Ai está um relato nada piedoso de uma realidade marcada por doenças, terras invadidas e jogos de poder.

Dia de branco na aldeia

LUCIO VAZ
 Da Editoria de Política

Calção adidas, corpo pintado de preto, chinela de dedo, cocar de penas coloridas, eles festejam o pouco que resta para festejar. O Presidente assinou o decreto dos zoró, a terra foi conquistada. Mas o mais difícil vai ser manter esta terra. A colheita do milho também vale uma comemoração, com muita macaloba e dança da taboca. A época não é a mais apropriada, já que o milho foi colhido em janeiro, mas naquele mês o Cacique Catarino estava em outra aldeia, trabalhando num posto da Funai. Não deu. Mas, enfim, hoje eles estão em festa. É dia de branco na aldeia. Por coincidência, também é Dia do Índio. Mas isto é invenção de branco. Pra eles, todo dia é dia...

O avião Bandeirante foi lotado de repórteres da chamada grande imprensa. Um deles perguntou se os índios estavam comemorando a Páscoa. O mais "emocionante", porém, foi aterrissar no meio do mato naquele monomotor. Representantes dos zoró, gavião, arara e cinta-larga estavam em fila, para que os fotógrafos brancos fizessem as fotos. Cantideo (assessor parlamentar da Funai) recebeu um colar do Cacique Paio, líder da tribo Zoró. "Ele ajudou muito na luta pela terra", lembrou o Cacique Catarino, líder da tribo Gavião e anfitrião daquela estranha festa.

"Comprei dois bois para o churrasco", anunciou Cantideo, como quem fala de uma típica festa de branco. Logo todos rumaram para a aldeia dos Gavião, num caminhão Mercedes e em duas picapes Chevrolet. Na chegada, Cantideo apresentou o primeiro número: "a matança do boi". Cerca de 20 índios mataram a flechadas um boi amarrado a uma árvore. "Branco pensa que flecha de índio é fraca, mas ela mata ligeiro", anuncia Catarino. Uma repórter quase desmaiou com tanto sangue. Outro não consegue segurar uma expressão típica das praias cariocas: "o maior barato". Os colonos que visitam a aldeia ficam com os olhos arregalados.

Catarino comenta que é assim mesmo que eles matam os porcos. "mas boi a gente nunca tinha matado", confessa. Naquele dia, os rituais sagrados sofreriam muitas alterações. Na "dança da taboca", um dos índios para para enfiar a tira do chinelo de dedo.

De repente, os repórteres pedem uma coletiva com o cacique dos Ga-

MILLA PETRILLO



Guerreiros Guimarães, Superintendente da FUNAI em Cuiabá

vião. Cantideo se adianta e informa que ele fez um importante trabalho na tribo Zoró, ajudando o Cacique Paio a garantir a terra que sempre lhes pertenceu. Mas por que a ajuda de outro cacique? Catarino responde: "Paio é um pobre coitado. Não fala a língua dos brancos". Ao lado de Agamenon e Pio, líderes dos Arara e Cinta-larga, os dois caciques foram até o Planalto e voltaram com o decreto assinado. "O Presidente não queria assinar. Os posseiros estavam arrojando ele. Mas acabou assinando", lembra Catarino. Mais tarde, longe dos olhos de Cantideo, ele confessa que arrumou um emprego na Funai, no posto dos Zorós. Mas está vivendo na cidade (Ji-Paraná), onde conseguiu uma mulher branca, Sandra.

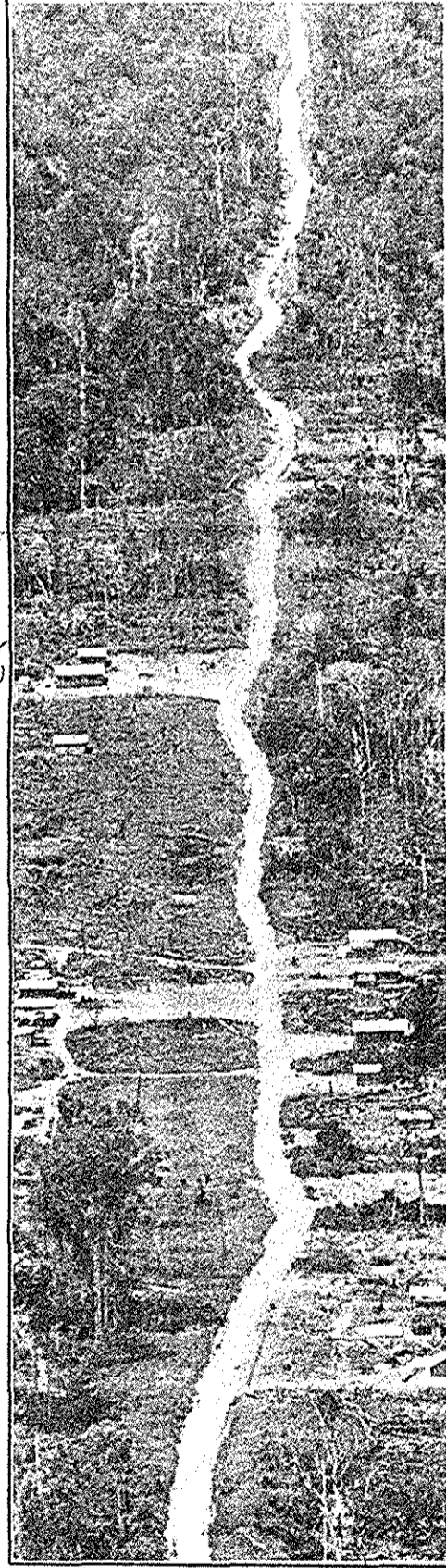
Confusão à vista. Cantideo identifica entre os brancos uma equipe de cineastas de uma produtora independente não se sabe de onde. Vieram de São Paulo, liderados por um americano e uma colombiana. "Vão vender o filme para os americanos a rios de dinheiro, sem nada dar para os índios", exclama o assessor da Funai. "Não pode filmar mais nada", um integrante da equipe reclama: "A gente não pode vender para os americanos, mas a Globo vocês autorizaram a vender para todo o País. Além do mais, o Catarino permitiu as filmagens". Cantideo vai fundo: "O Catarino não decide nada". Não tem mais conversa. O projeto está suspenso e a equipe logo some no meio do mato, prometendo voltar com a devida autorização das autoridades brancas.

A festa continua. Matam um porco a flechadas, mas logo alguém fala que a carne não vai ser suficiente. "Para de matar porco" retruca um índio indignado. Em seguida, vem a cerimônia dos jacarés. Eles seriam jogados vivos dentro da oca — presentes para o cacique Alberto. Mas são jogados na rua mesmo, para que a tevê e os fotógrafos possam registrar.

Mas Cantideo Guerreiro Guimarães não se importa com estes detalhes. Para ele, correu tudo bem na despedida. A tribo Zoró soube agradecer a terra recebida e os Gaviões ofereceram uma boa festa. Não aconteceria o mesmo nas tribos Parecis, Umutina, Bakairi e Nhambiquara, que invadiram a 2ª Superintendência da Funai, em Cuiabá, duas semanas atrás, e exigiram a sua exoneração.

E hora de voltar para casa. O grupo de jornalistas está dividido. Alguns ostentam orgulhosos cocares e flechas conseguidos através do amigo Cantideo, em troca de nada, como sempre. Outros estão, deprimidos, quase envergonhados. O jêto é voltar para o hotel e cair na água morna da piscina, ou quem sabe ficar no apartamento e tomar um porre, tudo por conta da Funai. Uma coisa é certa: não há saída, todos estão comprometidos. Não porque viajaram por conta da Funai, mas simplesmente porque são brancos. Na cabeça, as imagens do dia se confundem. No peito, aquela maldita sensação de culpa, de cumplicidade.

MILLA PETRILLO



(Conexão Brasil, 26/04/87)

A invasão irreversível

Em 1981, dois anos antes de fazer contato com a tribo Zoró, no Parque do Aripuanã, Mato Grosso, a Funai permitiu a construção de uma estrada ao sul da reserva — uma área indígena já demarcada, mas não reconhecida oficialmente. Afinal, o proprietário da fazenda Muriquitan, João Lunardeli, precisava de uma ligação com a cidade de Espigão do Oeste, no interior de Rondônia. Mas os brancos enfiaram o pé, escancararam a porta e começaram uma invasão que hoje parece irreversível. Um decreto concedeu 431.600 hectares de terra para os zorós, mas 100.000 hectares estão tomados pelos colonos.

Já em 84, a Funai constatou que estavam sendo vendidos lotes na reserva, pelo empresário Moacir Menotti. Nada menos do que 56 títulos de propriedade haviam sido expedidos pela Secretaria de Terras de Mato Grosso. Havia uma população flutuante de 8.000 pessoas na área, mais duas serrarias e uma linha regular de ônibus. A vila Paraíso do Oeste estava em construção. O Inera, a Funai e a Secretaria Fundiária do Mato Grosso fizeram um levantamento e constataram que 126 famílias residiam na área.

Outro grupo, formado pelo Ministério do Interior, Ministério da Reforma Agrária e Funai, iniciou um trabalho para retirar os colonos, em sua maioria retirantes do Sul à procura de terra e de juros mais baixos. Como a terra ainda não era oficialmente dos índios, foram indenizados em cerca de Cz\$ 1,5 milhão.

Mas isto não significa que a área esteja limpa. Um sobrevôo demonstra que ainda há muitas regiões ocupadas. Ao longo da estrada de Lunardeli há imensas clareiras. Os fazendeiros não perdem tempo e sugam o que podem antes de deixar a reserva. A Funai fiscaliza, mas é impotente para agir. Os índios estão revoltados e prometem reagir à maneira deles. Catarino, o cacique Gavião que trabalha no posto dos zorós, garante que ninguém quer derramamento de sangue, mas lembra que alguma coisa precisa ser feita.

Envolvidos com tantos problemas, como invasões, falta de recursos para produzir e a tevê (tuberculose), que já atinge alguns índios, eles não sabem que — na verdade — uma ameaça maior pode estar por acontecer. O governo dos brancos quer construir uma represa naquela região, para garantir a energia elétrica para a Amazônia. Parte das terras dos Gaviões, Arara e Zoró seria atingida, incluindo território do Mato Grosso e Rondônia. A aldeia da localidade de Garapê Lurdês, próxima ao posto Nova Colina, onde foi realizada a festa do dia 19 de abril, ficaria debaixo d'água. A informação não foi divulgada pela Funai, mas já há um estudo completo sobre o projeto, inclusive com o valor da indenização a ser paga aos índios. Resta saber o que eles pensariam a respeito. (L.V.)

O milagre da civilização

GERALDINHO VIEIRA
 Da Editoria de Cultura

O homem branco nunca se sentirá envergonhado de sua criação, nunca irá perceber que tudo isso que resolveu chamar civilização é uma cadeia de sintomas doentios. Nunca. Mesmo que haja tempo, a espécie não parece ter coragem para quebrar todos os espelhos, rasgar as máscaras e pelo menos por uma vez olhar para dentro de si mesmo e descobrir, com vergonha e auto-compaixão, que veio ao mundo apenas para destruir a si próprio. O que acabamos chamando civilização é uma hipocrisia feita de guerras, política, falsidade, medo e vergonha em nome do código civil, da propriedade e da exploração. Quebra-cabeça feito nos quartéis, nas escolas, nos conventos, nos cafés da manhã dos lares ditos harmoniosos. O homem é uma mentira bandeirada sob um véu ao mesmo tempo transparente e intransponível: a procura da verdade e do amor foi enterrada viva nas curvas dos ri-

MILLA PETRILLO



tuais das instituições religiosas que pregam o paraíso além do horizonte e que fazem questão de manter inatingível um certo Senhor Deus. Essa tem sido nossa missão. A missão.

Esse mesmo homem branco, pálido, alienado de sua própria existência, que tem a tutela das nações indígenas que um dia viveram banhadas nas águas limpas dos rios, alimentadas pelo verde dos frutos das gran-

GERALDINHO VIEIRA



des árvores e ninadas pelos cantos dos pássaros.

Branco, Funai e nações indígenas tentam suportar uns aos outros. Um fardo para os brancos, um paredão de morte certa para os índios. Branco e índio não se amam. Os brancos que não têm a mínima idéia do que fazer com sua própria realidade e destino acham-se no direito de ensinar ao índio a vida civilizada. Estão transformando cacique

ques e pajés em mendigos semi-urbanos, e não têm consciência sequer para sentirem-se culpados.

Ao lado do repórter Lucio Vaz e da fotógrafa Milla Petrillo além de uma dezena de outros colegas de outras empresas — vivi o dia 19 de abril (Dia do Índio) entre Zorós, Cintas Largas, Gaviões e outras nações no sul de Rondônia. A aldeia, cercada por conflitos, invasões e tuberculose, festejava, sem a mínima graça, decreto presidencial

de assentamento territorial e uma colheita de milho que não vimos. Vimos e ouvimos, isso sim, queixas no pé-do-ouvido. Os índios estão proibidos de falar, e calam-se para não perder o que julgam uma conquista... um pedaço de terra que lhes serve de moradia. São obrigados a suportar a tutela da Funai que lhes trata como débeis mentais, bárbaros. Não têm, ou pelo menos não sabem, como reagir. Morrem aos poucos, imundos, miseráveis, curtindo gastas sandálias de borracha. Quando dançam, interrompem o passo para recolocar a tira solta da havaiana que não tem cheiro nem solta a tira. São obrigados a dançar de acordo com a posição das máquinas fotográficas e das Câmeras de TV da grande imprensa.

Um pouco do óbvio nunca pode deixar de ser dito, por isso repito: eles estão morrendo banhados pelo sangue invisível das febres. Estão horrosos, sem energia vital, tristes, magros, imundos sob vestidos feitos de trapos e calções Adidas de nylon. Estão tão horrosos quanto os homens bêbados nos bares das cidades e drogados nos campos de guerra. Estão submissos, manipulados pelo poder político e econômico de uma Funai que atua como sedativo, mortal sedativo, para uma dor que o mundo sempre vai enxergar apenas no espelho, no reflexo, nunca na carne. Falta coragem para mudar a história. Falta inteligência para que a espécie se proponha a um salto mais alto e divino.